



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Valorizando o aspecto musical

Transferida da temporada passada para a atual, graças a percalços orçamentários enfrentados pela Sedac, a encenação da ópera *La Traviata*, pela Cia. de Ópera do Rio Grande do Sul (Cors), foi o espetáculo que serviu de comemoração ao primeiro ano de atividades do Teatro Simões Lopes Neto, do Multipalco Eva Sopher.

O público operístico de Porto Alegre, de modo geral, e à semelhança de boa parte dos aficionados pela ópera em todo o mundo, é bastante conservador: quer assistir sempre às mesmas obras, ainda que sob montagens e direções musicais diversas. No caso de *La Traviata*, de Giuseppe Verdi, o sucesso é garantido. A obra, estreada em 1853, baseada no romance *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, com libreto de Francisco Maria Piave, revela uma inspiração admirável de Verdi, musicalmente falando, desde a abertura até o último segmento. Ao mesmo tempo, o libreto de Piave faz significativas mudanças no enredo original, o que o torna mais crítico quanto ao papel social das *cocottes* que frequentavam a alta sociedade parisiense, pouco sensibilizada pelo abandono e desrespeito à mulher em geral. Neste sentido, a escolha da obra é muitíssimo oportuna: século e meio depois, infelizmente o tema continua atual e presente em nossos debates.

A produção da Cors teve concepção e direção cênica de Flávio Leite, com regência do maestro Marcelo de Jesus. Desde os primeiros acordes, e graças à perfeita acústica do Teatro Simões Lopes Neto, a gente se sente deleitado pela música, perfeitamente interpretada pela orquestra do Theatro São Pedro. *La traviata* (em sentido livre, “a transviada”) é uma ópera feita especialmente para uma intérprete feminina, que permanece em cena durante praticamente toda a extensão dos três atos. Ou seja, a intérprete precisa ter fôlego. Ludmilla Bauerfeldt foi a escolhida, como convidada, alternando-se com Elisa Machado, soprano local; Giovanni Tristacci foi o tenor destacado, como convidado, alternando-se com o local Felipe Bertol. Na récita que assisti, a de sábado à noite, a dupla Bauerfeldt-Tristacci comandou

o espetáculo; desde a primeira intervenção, Ludmilla encantou a todos. A tonalidade e limpeza de registro, a amplitude e segurança do alcance das notas capturaram simpatia e admiração. Sua figura física podia não ser a ideal para a personagem que, imagina-se, deveria ser muito jovem (para os parâmetros da época); se esta situação me incomodou um pouco no primeiro ato, esqueci-a de todo no segundo e no derradeiro momento do espetáculo, em meio à dramaticidade arrebatadora.

O tenor não teve a mesma sorte. Seu registro de voz é muito bonito, seguro, mas sua presença no palco não é convincente, faltando-lhe empenho para o envolvimento com a personagem feminina (no último ato, até relógio de pulso ele chegou a exibir). Espero que Felipe Bertol tenha se havido melhor com sua tarefa. Lício Bruno, como o pai do jovem enamorado, tem um registro excepcional de baixo-barítono.

O cenário de Eduardo Menna deve ser aplaudidíssimo: quer a solução inteligente para os primeiro e último atos (o mesmo espaço, mas, no último, destituído de todos os adereços, a traduzir a miserabilidade da personagem), quer o do segundo ato, constituído por uma parede coloca-

da à frente do espaço anterior, facilmente acrescentado ou retirado do palco. Mais que isso, Menna fez estudo cuidadoso do ambiente cultural e artístico em que a encenação foi ambientada (não a época de Verdi, mas os anos 1920 da chamada *belle époque*), com a presença de uma tela da pintora Tamara de Lempicka, com seu *Retrato de Ira P.*, de 1929, a que depois se seguiu a tela de René Magritte *O espelho falso*, de 1928). O vitral de fundo, no primeiro e derradeiro atos, igualmente foi cuidadosamente constituído, com enorme efeito dramático ao final, quando traduz a ênfase religiosa que o libreto de Piave busca.

A coreografia de Maurício Miranda permitiu naturalidade à movimentação do coral, enquanto a iluminação de Veridiana Mendes valorizou espaços cênicos e figurinos. Destaque para a maquiagem de Hanny Barcellos, sobretudo no ato final. Valeu esperar um ano: a Cors não nos decepcionou.

A escolha de La Traviata é muitíssimo oportuna: século e meio depois, o tema continua atual e presente nos debates

Europa ameaça cortar verba da Bienal de Veneza caso pavilhão russo seja reaberto

A Comissão Europeia ameaçou cortar € 2 milhões, cerca de R\$ 10,8 milhões, destinados à Bienal de Veneza, mais importante mostra de arte contemporânea do mundo, caso o pavilhão da Rússia seja reaberto neste ano.

A Rússia está impedida de participar da exposição desde 2022 como retaliação à Guerra na Ucrânia. A reabertura de seu espaço está previsto para a próxima edição do evento, que começa no dia 9 de maio. A decisão, porém, está gerando atrito entre a União Europeia, o governo da Itália e a direção independente da Bienal.

A vice-presidente da Comissão Europeia, Henna Virkkunen, e o comissário europeu para a Cultura, Glenn Micallef, condenaram a decisão da direção da Bienal em uma nota publicada no último dia 10 de março. Na última sexta-feira, segundo a imprensa italiana, a Agência Executiva Europeia da Educação e da Cultura (Eacea), que gere fundos da UE para projetos de educação e cultura, enviou uma carta ao presidente da Bienal, Pietrangelo Buttafuoco, na qual informava que a Comissão Europeia havia iniciado um procedimento para congelar ou revogar o financiamento destinado à instituição cultural.

A Comissão concedeu 30 dias para que a instituição esclareça sua posição. A participação russa, segundo a UE, é considerada uma violação das

sanções contra o país devido à invasão da Ucrânia. O governo de ultradireita italiano, liderado por Giorgia Meloni, também desaprova a reabertura do pavilhão.

Um dos integrantes do governo local a expressar sua insatisfação com a reabertura foi o ministro italiano da Cultura, Alessandro Giuli. E o fez com um gesto político que causou constrangimento aos organizadores do evento. Apesar de ter afirmado publicamente que respeita a soberania artística da Bienal, ele abriu mão de prestigiar a restauração do pavilhão central da exposição para visitar Lviv, uma cidade atingida pelos ataques russos - um recado claro demais para passar despercebido.

Membros do parlamento europeu e da oposição na Itália, por outro lado, apontam o que chamam de hipocrisia da Europa, que nega a participação russa mas aprova a presença de Israel na Bienal.

“A Comissão Europeia levanta a voz e ameaça sanções pela presença da Rússia, mas se cala e não impõe nenhuma condição à participação de Israel, apesar do genocídio perpetrado em Gaza e dos mais de 70 mil mortos”, disse o eurodeputado Angelo Bonelli, do partido Europa Verde. Ele lembrou aos demais membros da comissão a carta assinada em março por 187 intervenientes e que apelava à exclusão de Israel.



Pavilhão da Rússia na Bienal de Veneza, em imagem de divulgação de 2021